

Morfologia do bolsonarismo: afeto e identidade na constituição de uma comunidade imaginada de ultradireita

Morphology of bolsonarism: affection and identity in the constitution of an imagined ultra-right community

Artur Roberto Roman



arturrobertoroman@gmail.com

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Resumo

O objetivo geral deste artigo é trazer reflexões que contribuam para compreender o fenômeno político e social denominado de “bolsonarismo”, como expressão da ultradireita no Brasil (Mudde, 2021). O objetivo específico é discutir a dinâmica de constituição social do bolsonarismo, sua configuração ideológica e estrutura conceitual, processo modelado e manipulado para atender os interesses da oligarquia econômica do Brasil. A hipótese deste artigo é a de que a constituição do bolsonarismo foi promovida e facilitada pela capacidade do Bolsonaro de produzir discursos mobilizadores de afetos desencadeadores de identificação entre seus seguidores (Mouffe, 2007) e estimuladores do antagonismo entre militantes e simpatizantes de campos políticos opostos (Mouffe, 2018), integrando seus seguidores em uma comunidade imaginada (Anderson, 2008). O artigo conclui destacando o papel da universidade na tarefa de assegurar as conquistas do Estado Democrático de Direito, mantendo o bolsonarismo dentro dos limites civilizatórios, com a utilização de mecanismos republicanos e salvaguardas legais.

Palavras-chave: Bolsonarismo; Ultradireita; Comunidades Imaginadas; Afeto; Agonismo.

Abstract

The general objective of this article is to bring reflections that contribute to understanding the political and social phenomenon called “bolsonarismo”, as an expression of the ultra-right (far right) in Brazil (Mudde, 2021). The specific objective is to discuss the dynamics of social constitution of bolsonarismo, its ideological configuration and conceptual structure, process modeled and manipulated to meet the interests of Brazil's economic oligarchy. The hypothesis of this article is that the constitution of bolsonarismo was promoted and facilitated by Bolsonaro's ability to produce discourses that mobilize affection that trigger identification among his followers (Mouffe, 2007) and stimulate antagonism between militants and supporters of opposing political camps (Mouffe, 2018), integrating their followers into an imagined community (Anderson, 2008). The article concludes by highlighting the role of the university in the task of ensuring the achievements of the Democratic Rule of Law, maintaining o bolsonarismo within civilizing limits, with the use of republican mechanisms and legal safeguards.

Keywords: Bolsonarismo, ultra-right, imagined communities, affection, agonism.



10.23925/2318-7115.2025v46i1e67026



FLUXO DA SUBMISSÃO:

Submissão do trabalho: 04/06/2024

Aprovação do trabalho: 14/05/2025

Publicação do trabalho: 11/06/2025

AVALIADO POR:

Paulo Vitor de Souza Pinto (USP)

Georges Bitti Chilela (UFES)

EDITADO POR:

Luciana Kool Modesto-Sarra (PUC-SP)

COMO CITAR:

ROMAN, A. R. Morfologia do bolsonarismo: afeto e identidade na constituição de uma comunidade imaginada de ultradireita. **The Especialist**, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 537–565, 2025. DOI: 10.23925/2318-7115.2025v46i1e67026.



1. Introdução

Nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil, o candidato Jair Messias Bolsonaro (PSL) foi eleito com 57,800 milhões de votos (55%), vencendo seu adversário Fernando Haddad (PT) que recebeu 47 milhões de votos (45%). Foram 4 anos (2019 a 2022) de um governo com resultados desfavoráveis, alguns trágicos, outros dramáticos, muitos sofríveis, em todas as áreas da administração pública, afirmação facilmente comprovada por relatórios de institutos respeitáveis, reportagens de revistas internacionais e até mesmo em matérias da imprensa hegemônica brasileira afinada ideologicamente com o ex-presidente¹.

Apesar desse desempenho à frente da Presidência da República, Bolsonaro (PL), em 2022, esteve próximo da reeleição, ao obter 58,200 milhões de votos (49%), derrotado por Luís Inácio Lula da Silva (PT) que recebeu 60,300 milhões (51%).

O objetivo geral deste artigo é trazer reflexões que contribuam para compreender o fenômeno político e social denominado de “bolsonarismo”, como expressão da ultradireita no Brasil (Mudde, 2021). O objetivo específico é discutir a dinâmica de constituição social do bolsonarismo, sua configuração ideológica e estrutura conceitual, processo modelado e manipulado para atender os interesses neoliberais da oligarquia econômica do Brasil.

A hipótese deste artigo é a de que a constituição do bolsonarismo foi promovida e facilitada pela capacidade do Bolsonaro de produzir discursos mobilizadores de afetos desencadeadores de identificação entre seus seguidores (Mouffe, 2007) e estimuladores do antagonismo entre militantes e simpatizantes de campos políticos opostos (Mouffe, 2018), integrando seus seguidores em uma comunidade imaginada (Anderson, 2008).

Explicito, a seguir, o significado dos conceitos que aparecem no título deste artigo e que serão aprofundados neste estudo. “**Morfologia**” se refere à configuração e estrutura de um fenômeno ou evento.

¹ Disponível nos seguintes sites - <https://www.nature.com/articles/d41586-022-03038-3>
- <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/28/revista-cientifica-nature-faz-balanco-do-governo-bolsonaro-danos-serao-duradouros>
- <https://inesc.org.br/wp-content/uploads/2022/04/BalancoOrcamento2021-Inesc-1.pdf?x59185>
<https://inesc.org.br/depois-do-desmonte-relatorio-traz-balanco-dos-gastos-da-uniao-entre-2019-2022/>
- <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2022/12/30/como-o-governo-bolsonaro-se-saiu-na-economia.htm#:~:text=O%20presidente%20tamb%C3%A9m%20isentou%20os,consumidor%20na%20redefini%C3%A7%C3%A3o%20dos%20pre%C3%A7os> Acessos em 06 jan.2024.

“**Bolsonarismo**” é o nome que foi atribuído pela grande imprensa brasileira em 2018, nas eleições para a Presidência da República, a um movimento social e político de massa que aglutinou financiadores, apoiadores, seguidores e simpatizantes do então candidato à Presidência, o deputado Jair Messias Bolsonaro (PSL). Conforme apontado com pertinência por Freixo e Pinheiro-Machado (2019), o bolsonarismo é um fenômeno político que vai além da figura do Bolsonaro.

Com a vitória de seu inspirador, o bolsonarismo consolida-se passando a compreender uma concepção de vida, uma visão de mundo, um comportamento social, uma forma de olhar o outro, uma apreciação sobre a natureza, uma relação com a propriedade, uma configuração de família, um feitio de educar os filhos, um comportamento sexual, um modelo escolar, um juízo sobre ética, uma preferência estética, um sistema de crenças, uma opção religiosa, um projeto de país, uma prática política, um modelo de governo.

Não foi Bolsonaro quem engendrou essa tipificação acima apresentada. Esse comportamento social e essas posturas diante da vida se constituíram historicamente e estavam dispersas em grande parte da população brasileira. Mas, foi Bolsonaro, com sua postura e discursos², quem aglutinou essa mundividência em uma comunidade imaginada em acordo com a elite do atraso econômica e financeira (Souza, 2017) que, historicamente, se vale do processo democrático para fortalecer no Brasil o liberalismo, em seus aspectos econômicos especialmente perversos, e defender seus interesses patrimonialistas, ainda que às custas da própria democracia.

O conceito de “**comunidades imaginadas**”³ foi proposto em 1983 pelo historiador britânico Benedict Anderson em sua obra “Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo” (2008). Anderson traz a ideia provocativa de que uma comunidade se constitui a partir de um projeto pensado, administrado e controlado para que se atinjam objetivos planejados de organização social. Seu estudo está focado no desenvolvimento do nacionalismo, mas, por conta de sua produtividade explicativa e elegância teórica, o conceito de comunidades

² A admirável expressão verbal e corporal de Bolsonaro e sua capacidade retórica de mobilizar os afetos com discursos agressivos, desconexos, primários, ofensivos, grosseiros, incongruentes, rasteiros, preconceituosos, transbordantes de certezas e embalados em um tom singelo e enfático, podem ser confirmadas nesta coletânea de vídeos: <https://shre.ink/Falas-do-Bolsonaro> Especificamente sobre a pandemia de COVID-19, ver coletânea de declarações do ex-presidente em <https://www.youtube.com/watch?v=unjwCAgRdSk> Acessos em 31 jan.2024.

³ Agradeço ao Professor Yerko Muñoz-Salinas (Universidad Santo Tomás – Chile e UFRJ) pela sugestão de priorizar e aprofundar o conceito de “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson (2008) para os objetivos deste artigo.

imaginadas tem sido utilizado também em outras áreas do conhecimento e extrapolado para outros fenômenos político e sociais, como faço neste artigo sobre a morfologia do bolsonarismo.

Quanto aos conceitos **“identidade e afeto”**, trago para este artigo o pensamento de Chantal Mouffe, cientista política belga que, em sua obra *“En torno a lo político”* de 2005, desenvolve um instigante estudo sobre a relevante dimensão que ocupa o afeto na constituição das identidades políticas (Mouffe, 2007). Na discussão sobre as “inscrições discursivas-afetivas” mobilizadoras das emoções, a autora retoma Spinoza (afeto), Freud (libido) e Vigotsky (emoções), autores que não serão abordados por conta das limitações de espaço deste artigo.

Utilizo o conceito de **“ultradireita”** encontrado em Cas Mudde, cientista político holandês que estuda o tema há mais de 30 anos. Em seu livro de 2019, *“La ultraderecha hoy”*, o autor aglutina, sob o título de “ultradireita”, dois grupos: a “extrema direita” que recusa a essência da democracia, ou seja, renega a soberania popular exercida por meio de representantes eleitos, citando como exemplo o Nazismo e o Fascismo; e a “direita radical”, mais contemporânea, que aceita a essência da democracia, mas se opõe a elementos fundamentais da democracia liberal como o direito das minorias, o Estado Democrático de Direito e a trimembração do poder governamental constituído. (Mudde, 2021, p. 60 a 62)

Considero que o bolsonarismo, objeto de estudo deste artigo, incorporou, não apenas militantes e simpatizantes da extrema direita⁴ e da direita radical, mas também seduziu brasileiros aninhados historicamente à sombra da direita tradicional e mesmo do centro⁵, além de receber importante apoio de evangélicos, mobilizados por seus pastores. O significado de ultradireita neste artigo é, portanto, tributário à proposta nomenclatural de Mudde (2021), mas com essas especificidades que compõem a singularidade do caso brasileiro em estudo.

Há muitos trabalhos acadêmicos que têm o bolsonarismo como tema de estudo. A minha pretensão, com as perspectivas trazidas pelas lentes teóricas aqui exploradas, é ampliar as possibilidades de compreensão do bolsonarismo. O trânsito pela sociologia, filosofia, comunicação e ciência política insere este estudo na área de linguística aplicada crítica indisciplinar (Moita Lopez, 2006 e 2009). Utilizei como corpus deste estudo discursos do bolsonarismo e

⁴ A ideologia da extrema-direita não é nova no Brasil. Remonta pelo menos ao movimento Integralista dos anos 30 do século passado. Passou a crescer e a se destacar politicamente a partir do golpe que tirou Dilma Rousseff da Presidência em 2016.

⁵ Um bom exemplo é o PSDB que abandonou sua raiz identitária social-democrata para se associar, sem pudor, ao bolsonarismo, decisão que decretou sua decadência eleitoral além de manchar a história de alguns de seus fundadores, participantes do movimento estudantil contra a ditadura militar brasileira nos anos 70.

matérias jornalísticas disponíveis na internet. Meus posicionamentos concedem a este artigo um caráter propositadamente ensaístico com abordagem *etic*⁶.

Na seção 2, apresento o conceito de comunidades imaginadas e discuto a conformação, características e instâncias de manifestação do bolsonarismo. Na seção 3, desenvolvo reflexões sobre o processo de identificação dos participantes do bolsonarismo e o papel do afeto nessa dinâmica. Os estudos de Mouffe, autora já referida anteriormente, não nos ajuda apenas nas reflexões sobre o bolsonarismo, afeto e identidade. Em “*Por un populismo de izquierda*” de 2018, Mouffe levanta pertinentes questões sobre os desafios da democracia no mundo de hoje e sobre o conflito entre esquerda e direita transformado em antagonismo pela ultradireita.

Nessa mesma seção 3, trago também uma discussão sobre o conceito de “impolítico” de Roberto Esposito (2005), que, assim como Chantal Mouffe, reconhece o conflito como instância constitutiva das relações humanas e da atividade política. Nas considerações finais, deixo uma reflexão sobre a importância da universidade na formação da consciência crítica e do pensamento questionador, e sobre a necessidade da organização popular formalizada, para a garantia da Constituição e do Estado Democrático de Direito.

2. Bolsonarismo como uma comunidade imaginada

Em seus estudos sobre comunidades imaginadas, Anderson (2008) parte da premissa de que as comunidades, cujos membros não compartilham do mesmo espaço físico, precisam do componente imaginativo e simbólico para que essas pessoas se reconheçam como participantes da comunidade. “Qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada. As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas.” (p.33)

O autor aponta o caráter artificial e arbitrário do processo de constituição de uma comunidade imaginada, pois sua formação não é fruto de articulação social e histórica de pessoas que convivem em um mesmo espaço geográfico limitado e determinado, e que, espontaneamente, se organizam solidariamente para atingir objetivos comuns, lutar por direitos e construir, em conjunto, soluções para problemas que afligem a coletividade.

⁶ Como estou distante da experiência vivencial do bolsonarismo, seria improvável uma abordagem *emic*. Refiro-me aqui aos conceitos inaugurados na Linguística por Kenneth Pike e revisitados criticamente na Antropologia por Marvin Harris (Batalha, 1998).

A comunidade imaginada que Anderson nos apresenta é resultado de decisão de um grupo de pessoas que já detém poder em determinada sociedade e quer conquistar ou ampliar o poder político e mantê-lo, para atender seus interesses particulares de ordem primordialmente econômica. Para tanto, esse grupo de pessoas desenvolve estratégias para contar com o apoio e fidelidade da massa, a partir de eficientes métodos de cooptação aplicados por uma equipe profissional com técnicos especializados, psicólogos, comunicadores e intelectuais. A comunidade imaginada, portanto, existe apenas na imaginação de seus membros a partir da decisão e investimentos de um grupo de poder responsável por sua criação, sistematização, direção, manipulação e manutenção.

Anderson enfatiza que os participantes de uma comunidade imaginada “jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (Anderson, 2008, p. 32). Mesmo não existindo expectativa de algum dia um membro da comunidade imaginada se juntar fisicamente com seus pares, os participantes se satisfazem compartilhando costumes, tradições, preferências, gostos, credo religioso, certezas e preconceitos.

Apresento a seguir uma caracterização do bolsonarismo, a partir do modelo de Anderson (2008), salientando que cada uma dessas características, por si só, não identifica uma comunidade imaginada, mas sim que o bolsonarismo, como uma comunidade imaginada, é constituído por esse conjunto de características.

Politicamente, o bolsonarismo é reconhecido como de ultradireita, não tendo dificuldade de se aproximar do fascismo, especialmente pela defesa de uma organização rigidamente hierarquizada da sociedade, valorização da disciplina e aceitação resignada do autoritarismo ditatorial exercido pelo governante, além do desprezo pelas instituições democráticas. O bolsonarismo apresenta-se como anticomunista, designando como “comunista” qualquer pessoa ou instituição que não apoie o Bolsonaro ou que faça crítica às suas ideias.

O bolsonarismo é conservador nos costumes, machista, patriarcal, racista, misógino, lgbtqia+fóbico⁷. Tem afinidade com o supremacismo branco, mas acolhe também negros

⁷ Emmanuel Todd, cientista político, antropólogo e historiador francês, em sua recente obra *La défaite de l'occident*, traz reflexões instigantes sobre a “cegueira para a diversidade antropológica do mundo”, referindo-se à dificuldade do ocidente de compreender e considerar as diferenças do tratamento dado, pelas sociedades contemporâneas no oriente e no ocidente, à homossexualidade e ao papel da mulher em função da patrilinearidade ou bilateralidade dos sistemas de parentesco adotados (Todd, 2024, pp. 251 a 260).

acomodados com o racismo. É tradicionalista em relação à cultura e ultraliberal em relação à economia. Cultiva um nacionalismo rude mesclado com um patriotismo rústico, temperado com uma subserviência colonial em relação aos países centrais da Europa, emoldurada por uma admiração alienada em relação aos EUA. O bolsonarismo assume uma religiosidade primitiva animada pela leitura do Velho Testamento da Bíblia (Leite e Freire, 2011). Está muito presente entre os evangélicos tradicionais e neopentecostais, e entre católicos conservadores.

2.1 Bolsonarismo e a epistemologia maniqueísta

Essa mundividência descrita acima é construída a partir da lente utilizada pelo bolsonarista para perceber e entender o mundo e dele participar socialmente. Essa lente, que podemos denominar de “epistemologia do bolsonarismo”, é constituída de um conjunto de parâmetros interpretativos da realidade binários, maniqueístas e singelamente dicotômicos que ignoram as ambiguidades constitutivas da vida.

Esses parâmetros são explorados com muita competência pelos ideólogos do bolsonarismo na manipulação dos participantes da comunidade imaginada. Não é correto, porém, afirmar que essa epistemologia binária, dicotômica e disjuntiva é exclusiva do bolsonarismo, pois ela remonta à Grécia clássica⁸ e se torna predominante na civilização ocidental, a partir da Modernidade (Século XVI e XVII), chegando até o presente com poucas variações.

A retórica de persuasão utilizada pelos líderes bolsonaristas em seus discursos não está distante da retórica dos pastores, especialmente os neopentecostais que, por sua vez, está sustentada em dois pilares argumentativos: *reductio ad unum* e dicotomização da vida.

Reductio ad unum (reduzir ao uno), fórmula que já era discutida pelos filósofos clássicos gregos e que foi assumida por Augusto Comte no Positivismo, consiste em tentar reduzir o múltiplo à unidade, a variedade à uniformidade, a pluralidade ao singular, a complexidade ao simples, como uma forma de facilitar o estudo e o entendimento de um fenômeno.

Essa fórmula é aplicada com muita produtividade na pregação neopentecostal: tudo o que nos faz mal, prejudica ou dificulta nossa vida, qualquer incômodo ou doença, todas nossas

⁸ Os princípios estabelecidos por Aristóteles há mais de dois mil anos para o raciocínio lógico, especialmente o Princípio do Terceiro Excluído, sustentam o pensamento excludente (isto OU aquilo) que subjaz ao binarismo maniqueísta. Para quem foi formado a partir dessa lógica disjuntiva, é necessário esforço epistemológico e empenho intelectual para aceitar o pensamento conjuntivo e inclusivo (isto E aquilo).

dificuldades e impossibilidades têm uma causa única: o diabo, identificado como “o inimigo”! E a solução é simples: frequentar a igreja, fazer o “sacrifício” pagando o dízimo e seguir as orientações do pastor. Se não conseguimos o que desejamos, é porque faltou “fé na palavra”, ou porque nosso “sacrifício” não foi o bastante.

Eleger a corrupção como o grande problema brasileiro é uma forma de *reductio ad unum*, estratégia discursiva aplicada, com sucesso, pela imprensa hegemônica na mobilização da opinião pública especialmente da classe média brasileira, o que já foi discutido com profundidade e pertinência por Jessé Souza em *A elite do atraso* (2017).

A dicotomização da vida, por sua vez, consiste em ignorar a multideterminação da realidade e negar seu caráter plural e diverso, elegendo o binarismo excludente como lente para compreender o mundo. Com a simplificação forçada da complexidade da existência humana, não há mais dúvidas. Não há ambiguidade. Não há incertezas. Tudo é fácil de entender e basta escolher entre Deus e o Diabo, o bem e o mal, o certo e o errado, o branco e o preto, o azul e o rosa, o homem e a mulher, o fiel e o pecador, o mocinho e o bandido, o céu e o inferno. Se não estamos de um lado, necessariamente estaremos do outro.

Essas premissas da retórica neopentecostal podem ser percebidas não só na conformação discursiva de Bolsonaro, mas também em sua ação como governante, quando reduz a complexidade das relações políticas a apenas duas possibilidades: quem está com ele é amigo; quem está contra ele é inimigo.

A análise das mensagens das redes sociais bolsonaristas, tema abordado adiante neste artigo, permite identificar também essa mesma estrutura discursiva assentada no *reductio ad unum* e na dicotomização da vida. O bolsonarismo, porém, acrescenta aos dois pilares dessa retórica domesticadora a utilização de linguagem rasteira, grosseira e agressiva. Afinal, xingamentos e ofensas são poderosos para mobilizar as pessoas, por sua forte carga afetual.

Somos um país com uma classe dominante historicamente violenta, autoritária e conservadora, com forte raiz escravista, cujos valores acabaram sendo incorporados por parte da classe média e até mesmo por subcidadãos precarizados e marginalizados. Todos foram, de uma forma ou de outra, atraídos pelo bolsonarismo e por soluções reacionárias e conservadoras para as questões econômicas, políticas e sociais, muitas improváveis, outras tantas irrealizáveis, todas comprometidas com a insensibilidade social.

Há que se reconhecer que ter o pensamento maniqueísta, binário, excludente não nos torna necessariamente pessoas más, violentas ou desqualificadas. A epistemologia do bolsonarismo é confortável para quem tem indisposição para aceitar a diversidade, dificuldade para reconhecer a complexidade da vida e é atraído por discursos simplificadores da realidade⁹. Essa visão de mundo, afinal, é sedutora, pois tem sempre à disposição uma resposta singela para nossas inquietações existenciais, ainda que muito distante de trazer soluções para a angústia humana.

Essas explicações carregadas de certezas demandam pouco esforço cognitivo para serem compreendidas e exigem pouco discernimento para serem assimiladas. Discernimento, convém reconhecer, não se atesta com títulos acadêmicos e honoríficos, tampouco se garante com a posse de bens. Reduzir a complexidade dos fenômenos e da vida é um processo atraente para pessoas incultivadas, dessensibilizadas e com dificuldade de compreensão do mundo, tenham elas diploma ou não, sejam elas empresários ou empregados, entregadores de lanches ou donos de restaurante, motoristas ou donos de transportadoras, pedreiros ou donos de construtoras, vendedores ou donos de grandes lojas, bancários ou banqueiros, estudantes ou professores, curandeiros ou médicos. Todos igualmente passíveis de serem mobilizados politicamente por afetos, como insiste (Mouffe, 2007, 2018) tema que discutirei mais adiante.

A quem falta discernimento, é mais fácil acreditar que questionar. É mais fácil concordar que duvidar. É mais fácil ofender que dialogar. É mais fácil ameaçar que argumentar. É mais fácil odiar que amar. Ouvir, acolher, considerar, debater, tolerar, reconhecer, rever posições, mudar de opinião é nobre, digno e exige propósito e disposição anímica e não diplomas, títulos ou riqueza material. Quem tem dificuldade para distinguir e fazer melhores escolhas é facilmente afetado e seduzido pela pregação ideológica, simplória e reducionista, própria do bolsonarismo.

Essa constatação ajuda também a entender a atração dos participantes do bolsonarismo por armas, o que seria uma forma de, ilusoriamente, resolver um problema com um mero apertar de gatilho. A admiração pelos militares, portadores institucionais de armamentos, amplifica-se com a crença de que pessoas que estão sempre com o sapato engraxado, cabelo curto e bem penteado, barba feita, camisa por dentro da calça, e que conseguem marchar todos juntos sem errar o passo, são competentes e honestos. O bolsonarista, com seu olhar turvo, confunde rigidez

⁹ “Bandido bom é bandido morto” é um exemplo de solução simplória para um problema complexo como a violência. Outra frase também repetida à exaustão no bolsonarismo, “Menino veste azul, menina veste rosa”, é outro exemplo de simplificação reducionista de um tema complexo como a questão de gênero.

com honestidade; asseio na aparência com competência; disciplina com retidão de caráter; hierarquia com governança; autoritarismo com segurança; músculos com inteligência.

Possuem também, os seguidores do bolsonarismo, uma visão idealizada do campo, pois o veem como um modelo desejável de como deveria se organizar a sociedade: as plantinhas estão todas padronizadamente enfileiradas e basta borrifar um agrotóxico para exterminar as pragas, e aplicar um herbicida para erradicar as ervas daninhas. E é suficiente um aboio para juntar e conduzir a manada.

O problema é quando essas pessoas epistemologicamente acomodadas se defrontam acidentalmente com outras opções além da bipartição do mundo, que lhes é suficiente para explicar a vida no universo paralelo onde simbolicamente habitam. A postura mais imediata é a negação da realidade e a recusa de reconhecer outras perspectivas além das duas possibilidades contempladas por suas pré-verdades, classificando essas alternativas adicionais como fruto de “narrativas”, ou seja, invenções dos comunistas ou da esquerda.

2.1.1 Bolsonarismo e pré-verdades

Pós-verdade é um conceito que aparece nos anos 90 do século passado para se referir à época presente, em que somos mais afetados por nossas crenças pessoais em relação a uma informação do que pela veracidade dessa informação em relação à realidade. Embora não seja um fenômeno comunicacional recente na humanidade, acabou ganhando importância com as redes sociais e a facilidade de multiplicação de informação, sem compromisso com fatos e dados. (Siebert e Pereira, 2020)

Nesse processo, somos inclinados a recusar as informações que nos afetam negativamente e aceitar como verdadeiras aquelas que encontram sintonia com nossas “pré-verdades”, nomenclatura que proponho para o conjunto de valores, crenças e verdades incorporadas historicamente e que, portanto, têm vínculos com a epistemologia de cada um, anteriormente abordada.

Mesmo sem nos darmos conta, as pré-verdades fazem uma espécie de triagem, quando estamos diante de uma informação, e descartam o contraditório, ou seja, a informação que não está de acordo com o nosso pensamento e nossas opiniões sobre o tema tratado. Nesse mesmo processo, somos levados a acreditar em uma informação quando é familiar para nós, está de acordo com nossa visão de mundo e é legitimada por pessoas nas quais reconhecemos

autoridade, em quem confiamos ou que pertencem a nossa rede de relacionamento. A pré-verdade viabiliza a pós-verdade, independentemente de argumentos, fatos e dados. Ou seja, as *fake news*¹⁰ se estabelecem porque há um terreno propício já preparado para que elas vicejem.

Esse descarte antecipado de todo pensamento discordante inviabiliza o debate, que acaba se resumindo, quando muito, a ofensas ou a comentários típicos como o de uma participante de um grupo do WhatsApp, bolsonarista convicta, que, alertada da falsidade de uma informação que havia compartilhado, disse com segurança e petulância: “não importa se é mentira, eu acredito nisso!” Trata-se de uma imunidade discursiva ideológica que apreende o que interessa e descarta o que não é agradável de ler, ver ou ouvir.

2.2 Bolsonarismo e desidentificação de classe

Na estratégia de manutenção da comunidade imaginada bolsonarista, é fundamental descaracterizar qualquer identidade de classe entre os adeptos, independentemente da desigualdade econômica e distanciamento social que possam existir entre seus membros. As falas oficiais do bolsonarismo, planejadas por especialistas, exacerbam o sentimento de pertença à comunidade, e esses discursos se sobrepõem à ideia de individualidade e camuflam as diferenças entre os membros (Anderson, 2008, p.16).

Um trabalhador mal remunerado, morador da periferia de uma grande cidade, fiel de alguma denominação evangélica, encontra identificação em um latifundiário plantador e exportador de soja, provavelmente maçom, ainda que não desfrutem do mesmo padrão de vida, não consumam os mesmos produtos e não frequentem os mesmos lugares. O que os identifica como membros de uma mesma comunidade é que são igualmente alienados politicamente, reacionários, conservadores e consumidores dos mesmos preconceitos machistas, homofóbicos, misóginos e racistas. E ambos têm o Bolsonaro como mito.

É confortador para um trabalhador precarizado imaginar que faz parte da mesma comunidade do poderoso e rico proprietário de uma grande rede nacional de varejo que vende produtos importados da China. A ilusão de uma camaradagem horizontal fortalece a fidelização e até mesmo estimula sacrifícios em nome da comunidade (Anderson, 2008, p.34).

¹⁰ Utilizo a expressão *fake news* com o significado de notícias e/ou informações falsas, não verdadeiras, distorcidas e alteradas, produzidas e distribuídas com o objetivo deliberado de enganar e confundir as pessoas.

A desconsideração das diferenças econômicas e de classe dos membros da comunidade está sustentada na aceitação de que as distâncias sociais de seus membros são decorrentes do mérito dos que estão no topo da pirâmide, o que é manifestação de que o discurso ideologizado da meritocracia foi incorporado pelo bolsonarismo, reforçando a aporofobia¹¹.

Há que se reconhecer que o bolsonarismo congrega uma multiplicidade de interesses desconexos e até contraditórios¹², mas que nunca são confrontados, pois a crítica, a dúvida, o questionamento são erradicados e sufocados por discursos rasteiros, ofensivos e invariavelmente simplificadores da realidade. A combinação de alienação política, ingenuidade histórica e falta de informação fertiliza o solo onde grassa o bolsonarismo.

Vale repetir que o bolsonarismo, aqui visto como uma comunidade imaginada, não se desenvolveu espontaneamente. Foi sendo constituído a partir de uma decisão estratégica dos articuladores da campanha do Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018, a serviço da ultradireita, que possui vínculos internacionais e aplica tecnologia de manipulação de massas testadas em várias regiões do planeta, especialmente com a utilização proficiente das redes sociais. (Empoli, 2019; Fisher, 2023)

2.3 Bolsonarismo e redes sociais

Graças à tecnologia de informação e comunicação, podemos estabelecer relações superficiais e efêmeras com um número potencialmente ilimitado de pessoas que não conhecemos e nunca iremos encontrar. Com a Internet, tornamo-nos vizinhos do mundo, ainda que distantes do morador que vive no apartamento ao lado do nosso.

A importância da imprensa e da literatura para a constituição do nacionalismo, na Modernidade, a partir do século XVIII, como apontado por Anderson (2008, p.55), equivale ao

¹¹ - O ex-ministro da Economia, Paulo Guedes, em entrevista de 12/02/2020 na TV Globo, reclamou que, no governo Lula, por conta do valor do dólar, até empregada doméstica viajava para Disney. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bLGlc4cVP8Q&t=44s> Acesso em 15.jan.2024.

- Em 14/04/2021, nova demonstração de aporofobia por parte do ex-ministro, ao comentar indignado que, por conta do FIES, “filho de porteiro ia para a universidade”. Disponível em <https://contee.org.br/os-filhos-de-porteiros-que-chegaram-a-universidade-tem-um-orgulho-que-o-ministro-paulo-guedes-ignora/> Acesso em 15.jan.2024.

- Vídeo de Bolsonaro com uma coletânea de manifestações suas de aversão às pessoas pobres. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=o88JVvc3RTg> Acesso em 29 jan.2024.

¹² Um bom exemplo pode ser visto na apresentação do Instituto Conservador Liberal iniciativa bolsonarista que luta “pelo combate de toda e qualquer ideologia e pela promoção dos valores conservadores e liberais” (sic) Disponível em <https://iclbr.com.br/> Acesso em 13 fev.2024.

papel das redes sociais informatizadas na Pós-modernidade, para a expansão dos movimentos da ultradireita no mundo, como o bolsonarismo no caso brasileiro (Amaral e Silveira, 2023).

As redes sociais nos oferecem a admirável e ilusória, porque irrealizável, possibilidade de compartilhar - enviar e receber - mensagens com todo o mundo. Ao se identificarem com as pregações do Bolsonaro e se reconhecerem como uma força política, os participantes e simpatizantes da comunidade imaginada bolsonarista animam-se a compartilhar compulsivamente, nos grupos das redes sociais, um amontoado delirante de *fake news*, teoria da conspiração, equívocos, desconhecimento histórico e manipulação grosseira de dados e informações.

Os bolsonaristas produzem pouco conteúdo, o que se explica pela dificuldade que apresentam para elaborar um texto consistente. Mas são dedicados, diligentes e obsessivos na tarefa de replicar mensagens recebidas em seus perfis, elaboradas por profissionais especializados em manipulação da informação com o objetivo de buscar fidelidade e engajamento dos seguidores, convertidos em votos nas eleições. (Santos, Chagas, Marinho, 2022)

Informações sobre acontecimentos do passado e relatos de eventos do presente, reportados sem compromisso com a realidade dos fatos, são assimilados como se fossem “naturais e essenciais”, portanto, “pouco passíveis de dúvida e de questionamento” (Anderson, 2008, p.16). O compartilhamento de mensagens por aqueles que as recebem é feito acriticamente, sem pudor e até mesmo com orgulho, o que facilita o estudo do fenômeno pela quantidade e qualidade do corpus disponível para pesquisa.

A inviabilidade ou dificuldade da proximidade física dos participantes da comunidade é compensada pela identificação propiciada por esse ato de compartilhar mensagens, ao dar tangibilidade discursiva-comunicacional a uma comunidade que existe apenas na imaginação. Replicar mensagens nos grupos das redes sociais reforça a sensação de pertencimento, pois o replicador se sente ligado aos “companheiros de leitura e de disseminação”, na expressão de Anderson (2008, p.80), ou seja, pessoas que acreditam nas mensagens trocadas na rede e comungam das mesmas ideias retrógradas, crenças anacrônicas e propostas reacionárias. Assim, essa atividade adquire uma aura de religiosidade.

2.4 Bolsonarismo e religiosidade missionária e redentora

O bolsonarismo propõe um acordo de companheirismo que aproxima idealmente pessoas que estão fisicamente e socialmente distantes, mas irmanadas por um projeto religioso e político, conclamadas pelo Messias Bolsonaro, elevado à categoria de mito. E assim o bolsonarismo adquiriu o caráter de seita com um projeto salvacionista da família tradicional e dos bons costumes e também de militância política com a missão patriótica de defender o País da ameaça comunista.

Os evangélicos bolsonaristas, especialmente os neopentecostais, mobilizados por seus pastores, a quem seguem acriticamente, assumiram também a dimensão missionária da ação política¹³. Propagar as boas novas é um chamado que teria sido feito por Cristo, como consta na bíblia: “E disse-lhes: Vão por todo o mundo e preguem o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado (Marcos 16:15-16)”. Essas frases bíblicas são assimiladas pelos fiéis, que fazem das redes sociais o meio para a missão evangelizadora-eleitoreira, com uma pequena alteração: “Quem crer (e votar) no Messias Bolsonaro será salvo; quem, porém, não crer (e não votar) será condenado...”.

Embora o celular seja um equipamento de uso pessoal e privativo, receber e compartilhar mensagens em um grupo é uma forma de participar de uma comunhão cerimonial, pois o correligionário sabe que aquele ritual está sendo repetido simultaneamente por milhares ou milhões de pessoas. Mesmo que não as conheça, tampouco saiba o que essas pessoas estão fazendo em cada momento de suas vidas, existe confiança na atividade constante e anônima que desempenham para propagar as ideias do líder da comunidade, no caso em estudo, o Bolsonaro. (Anderson, 2008, p. 56 e 57)

2.5 Bolsonarismo e apego ao passado

Em situação de instabilidade social, as pessoas fragilizadas emocionalmente e desarticuladas politicamente se sentem atraídas por soluções autoritárias e conservadoras. Nessas situações, o retorno ao passado é confortador, pois o presente não está bom, ou não lhes parece bom, e o futuro é obscuro. Nessa volta ao passado, o bolsonarismo promove um processo de “remodelagem da imaginação” (Anderson, 2008, p.275), desencadeando “amnésias típicas”

¹³ Sobre o neopentecostalismo e a ligação da Teologia da Dominação com o bolsonarismo, ver Nobre et alii (2023).

(p.278)¹⁴, quando alguns eventos históricos são seletivamente privilegiados e deturpados e outros esquecidos para que esse passado forjado se coadune com os valores que estão sendo pregados no presente e se compatibilize com os projetos imaginados para o futuro.

O bolsonarismo acolhe sim a concepção linear, perspectivista, progressiva do tempo que se desenvolve a partir da Modernidade com a Revolução Industrial e Iluminismo. Com relação, porém, à soteriologia histórica¹⁵, dimensão religiosa que acompanha essa concepção de tempo, o bolsonarismo seleciona apenas seu conteúdo profético, depurando-o de sua dimensão teleológica, preferindo idealizar o passado como um tempo de felicidade que deve ser restaurado e seus valores conservados.

É comum circular nas redes do bolsonarismo imagens de produtos de consumo dos anos 60 e 70 do século passado, acompanhadas de relatos ingênuos de como era maravilhosa a vida quando éramos crianças. Esses discursos recuperam um passado idílico em que a vida era repleta de aventuras, predominavam a amizade e o companheirismo, não havia violência e todos viviam felizes¹⁶.

Anderson reconhece que não é tarefa fácil imaginar uma comunidade, pois esse processo não se dá no vazio e com base em nada. Símbolos representativos da comunidade imaginada, como os referenciais de um passado idealizado, são criados, compartilhados e assumidos a partir de uma “lógica comunitária afetiva de sentidos” (Anderson, 2008, p.16).

3. Bolsonarismo: identidade e afeto

Mouffe (2007, p.14) afirma que é um erro ignorar os afetos mobilizados nas identificações coletivas desencadeadas em uma comunidade imaginada como o bolsonarismo ou mesmo em um partido político democrático e fiel aos ditames republicanos. Destaca, da mesma forma, que é um equívoco imaginar que as paixões desaparecem quando submetidas à racionalidade individualista,

¹⁴ Esse conceito proposto por Anderson (2008) se aproxima das “lembranças encobridoras” de Freud (1996), selecionadas para camuflar recordações da infância que a consciência recusa.

¹⁵ A soteriologia, ou doutrina da salvação, compõe a dogmática das três principais religiões monoteístas: cristianismo, islamismo e judaísmo. Todas defendem que o sofrimento neste mundo será compensado com a salvação após a morte, portanto no futuro. O neopentecostalismo, com a teologia da prosperidade, atualiza o conceito de soteriologia, ao prometer riquezas no presente, aqui mesmo neste plano mundano. A leitura de Weber (2001) ajuda a compreender esse fenômeno.

¹⁶ Story no Facebook: “Ditadura! Foi naquele tempo que vc sentava com os amigos bebia até o dia amanhecer e voltava a pé sem ser assaltado? Que saudades dessa época.”

ideia que passou a ser priorizada a partir da Modernidade, especialmente com o Racionalismo, Iluminismo e Enciclopedismo¹⁷.

A autora opera com o conceito de afeto do filósofo holandês Benedictus de Spinoza (1632 - 1677), para quem afeto envolve alegria, tristeza, desejo, amor, ódio, esperança, medo, temperança (Spinoza, 2009, Proposição 56, p.136). Assim como Freud, explica Mouffe, Spinoza acredita que é o desejo que move os seres humanos a agir, e são os afetos que os fazem agir numa direção em vez de outra (Mouffe, 2018, p.99).

Aponta Mouffe (2007, p.13), com pertinência, que o embate político, na atualidade, além de mobilizar os afetos, especialmente os desejos e fantasias das pessoas, não é mais definido por categorias políticas e sim morais. A luta entre esquerda e direita se tornou uma luta entre o bem e o mal, envolvendo questões afetuais e identificações libidinais¹⁸.

O bolsonarismo, compreendido como uma comunidade imaginada, é constituído por pessoas que são afetadas e mobilizadas pelos mesmos discursos que encontram algum eco em sua mundividência. “Deus, Pátria, Família”, lema fascista, caro ao bolsonarismo, carrega a ideia do Deus do Velho Testamento, da Pátria como uma abstração geográfica, e da Família, em seu modelo tradicional monogâmica, patriarcal, machista. “Brasil acima de todos e Deus acima de tudo”, lema bolsonarista, coloca a autoridade máxima divina acima de todos e a Pátria acima do cidadão, camuflando o predomínio da classe dominante, senhora do capital, no comando dos destinos dos brasileiros.

Afetados pelas falas do líder da seita, constrói-se uma identificação sustentada em uma camaradagem afetual, ilusoriamente horizontal, que nivela a todos. A identificação se dá nas questões morais e na percepção do caráter redentorista de participar de uma seita salvacionista. Isso mostra a impossibilidade ou extrema dificuldade de fazer um bolsonarista mudar a maneira de ver o mundo. Ele não foi cooptado com argumentos baseados em fatos e dados comprovados e sim com discursos, recheados de *fake news*, que o afetaram por encontrar eco em seus referenciais e pré-verdades.

¹⁷ Maffesoli (1998) traz uma discussão densa e substanciada sobre a dimensão afetual da “nova socialidade tribal” que se desenvolve na Pós-Modernidade. A abordagem de Mouffe, porém, é mais adequada para este estudo por tratar do afeto especificamente nas interações de natureza política.

¹⁸ Vassel (2019) desenvolve uma rica reflexão, à luz da psicanálise, sobre o componente libidinal subjacente ao discurso bolsonarista em “Bolsonaro no divã: a erótica do poder, o desejo e a metástase do gozo nos entremeios das políticas públicas no Brasil”.

Os vínculos identitários são reforçados pelos discursos de Bolsonaro, líder carismático que diz aquilo que os participantes da comunidade imaginada querem e gostam de ouvir. E quando o mesmo líder diz ou faz algo que destoa das expectativas alimentadas por ilusões¹⁹, os membros da comunidade desacreditam do feito, atribuindo as informações a “manipulações da imprensa” ou “narrativas da esquerda”.

3.1 Bolsonarismo e agência

Durante cerca de 70 dias, do início de novembro de 2022 a 09 de janeiro de 2023, com a benevolência das Forças Armadas e indisfarçável regozijo da cúpula militar, bolsonaristas vivenciaram, nos acampamentos em frente aos quartéis em várias cidades do País, a experiência da companhia presencial de membros da comunidade que existia apenas na imaginação. Pessoas que nunca haviam se encontrado fisicamente passaram a ocupar o mesmo espaço, compartilhar as mesmas precariedades logísticas, declinar as mesmas palavras de ordem, compartilhar os mesmos delírios e protagonizar coletivamente espetáculos bizarros como se comunicar com extraterrestres colocando os celulares sobre as cabeças²⁰, ou cantar o Hino Nacional em torno de um pneu de caminhão²¹.

Esse irmanamento físico dinamizou os afetos, fortaleceu as identificações e ampliou a alienação grupal. Ficar mal acomodados em barracas, embaixo de chuva, durante semanas, pedindo intervenção militar e questionando o resultado das eleições se tornou um sacrifício religioso vivenciado com galhardia e fé, pois havia uma causa “nobre” a ser defendida. O verso do Hino da Independência “Ou deixar a pátria livre ou morrer pelo Brasil” foi repetido algumas vezes por Bolsonaro em entrevistas.

Nessa interação dramática, com diversos episódios de alucinação coletiva fartamente mostrados na imprensa, “restauram-se passados, imaginam-se companheirismos, sonham-se

¹⁹ A leitura de “O futuro de uma ilusão” de Freud é produtiva para compreender esse processo: “Chamamos uma crença de ilusão quando se destaca em sua motivação o cumprimento de desejo, ao mesmo tempo em que não levamos em conta seu vínculo com a realidade, exatamente do mesmo modo que a própria ilusão renuncia a suas comprovações.” (2011, p.53) A ilusão tem um potencial admirável de afetar as pessoas.

²⁰ Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/21/interna_politica,1423657/bolsonaristas-pedem-ajuda-a-extraterrestres-veja-o-video.shtml Acesso em 04 fev. 2024

²¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ybbXjvIKXoQ> Acesso em 04 fev.2024.

futuros” (Anderson, 2008, p.215) e planeja-se explosão de bomba em um dos maiores aeroportos do Brasil, não levada a cabo por incompetência de seus autores²².

Os grandes eventos públicos promovidos por Bolsonaro nas comemorações alusivas ao 7 de setembro, especialmente em 2022, às vésperas das eleições, já haviam oferecido aos participantes da comunidade imaginada a experiência da corporeidade e fisicidade afetual, embalados pelas falas escatológicas de Bolsonaro, que, em comício em Brasília, regeu o coro dos insensatos entoando expressão autovalorativa de seu imaginado poder sexual²³.

A ida de bolsonaristas para Brasília, às vésperas do dia 08 de janeiro de 2023, oriundos de várias regiões do Brasil para se unirem aos locais, atendendo o chamamento de líderes e *influencers* do bolsonarismo, adquiriu o caráter de uma peregrinação religiosa. A proximia (Maffesoli, 1998, p. 169) da turba fortaleceu os vínculos afetuais dos participantes da comunidade, animando-os para a invasão da Praça dos Três Poderes em Brasília, evento planejado pelos estrategistas bolsonaristas do golpe militar.

É certo que a grande maioria dos celerados que invadiram a praça do Três Poderes, além de pretender ingenuamente tomar o Estado e entregá-lo aos militares sob o comando de Bolsonaro, estava afetada pelo impulso de se sentir parte integrante da comunidade imaginada bolsonarista cumprindo uma missão redentora.

3.2 Bolsonarismo e a promoção do antagonismo

Segundo Mouffe, os teóricos da ciência política que ignoram os afetos na dinâmica das relações de poder e na constituição das identidades, assim o fazem porque, segundo esses pensadores criticados pela autora, as questões políticas devem ter um tratamento racional, pois as paixões comprometem a construção do consenso, que seria o objetivo da democracia. (Mouffe, 2007, p.35)

A denúncia de Mouffe está respaldada na premissa de que o conflito é constitutivo do processo democrático, portanto o objetivo da democracia não é construir consensos, mas

²²Disponível em <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/01/16/pericia-mostra-que-bomba-plantada-por-bolsonaristas-em-brasilia-foi-acionada-mas-nao-explodiu-por-erro-de-montagem.ghtml> Acesso em 22 jan.2024.

²³ Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-puxa-coro-de-imbrochavel-em-discurso-no-dia-da-independencia/> Acesso em. 25 jan.2024.

propiciar condições para a confrontação democrática e para o convívio amistoso da pluralidade de opiniões e da diversidade de projetos para o país.

Esse pensamento de Mouffe mostra afinção com as ideias de Roberto Esposito, filósofo italiano contemporâneo com uma densa obra sobre ciência política. Esposito reconhece o conflito como uma dimensão irrenunciável da realidade, portanto constituinte das interações humanas, especialmente no âmbito da política (Esposito, 2005, p.14).

Reclama Esposito que o pensamento filosófico-político moderno sempre evitou tratar do conflito e, quando o fez, foi para propor uma forma de eliminá-lo ou recalá-lo, como prescrevia Thomas Hobbes (1588-1679). Em sua clássica obra *Leviatã*²⁴ de 1651, o filósofo inglês apresenta a teoria de que, para que haja ordem, todo tipo de conflito deve desaparecer e que, portanto, é preciso um soberano que exercite o poder sem deixar espaço a qualquer forma de conflitualidade ou, até mesmo, a qualquer forma de agregação. (Esposito, 2014)

Ao contrário dessa concepção de política que busca a qualquer preço implantar a ordem e construir artificialmente um consenso, Esposito propõe o conceito de “impolítico”, que não pode ser confundido, como enfatiza o autor, com “antipolítica”, mas que pretende, com a “radicalização do engajamento político no pensamento” (2005, p.11), desconstruir categorias estabelecidas da ciência política tradicional ao “fazer reemergir a realidade e a irreducibilidade do conflito” (Esposito, 2014).

A dificuldade de conviver com a diferença, incapacidade de ouvir o contraditório e a recusa de participar da promoção do dissenso harmônico são constituintes do bolsonarismo, coerente com a aversão à democracia demonstrada por essa comunidade imaginada, e que se constata com o investimento insistente de seus líderes na destruição do Estado Democrático de Direito.

Mouffe defende, ao lado de Esposito, o conflito como uma condição para a democracia, e propõe diferenciar a confrontação “agonística” da “antagonística”. Ainda que ambas as abordagens não esperem um possível consenso entre projetos políticos em disputa, aqueles que adotam a abordagem agonística veem os oponentes como adversários que têm o direito legítimo de expor suas ideias e defendê-las. Já aqueles que assumem a abordagem antagonística veem o oponente como um inimigo a ser eliminado, o que ocorre especialmente quando a confrontação

²⁴ É em *Leviatã* que Hobbes expõe a famosa frase “o homem é o lobo do homem” parafraseando o **dramaturgo romano Titus Maccius Plautus** (254 a.C-184 a.C.).

política se torna um embate moral entre o bem o mal, situação em que a própria democracia é colocada em risco (Mouffe, 2018, p.117).

Moralizar o debate político e antagonizar-se com o adversário, encarando-o como inimigo, é uma forma eficaz de camuflar a dimensão econômica dos interesses políticos, estratégia utilizada com muita competência pela ultradireita. Somente com o restabelecimento do caráter agonístico da democracia, afirma Mouffe, poderemos mobilizar os afetos para criar uma vontade coletiva dirigida ao aprofundamento dos ideais democráticos (2018, p.111).

3.3 Bolsonarismo e a falsa polarização

A expressão “polarização” que se tornou corriqueira, especialmente entre os jornalistas das grandes redes de comunicação e intelectuais afinados com o bolsonarismo, para caracterizar o antagonismo político que se explicita no Brasil, adultera o sentido do processo democrático que é construído a partir de ideias opostas, portanto polarizadas. O que se chama, imprecisamente, de polarização se exacerba a partir da campanha de 2018, quando a divulgação de *fake news*, a incitação ao ódio, a promoção da violência e a manipulação por meio de redes sociais são priorizadas nas estratégias da campanha de Bolsonaro. O bolsonarismo trouxe para a política brasileira, no lugar do agonismo, o antagonismo, em que o adversário não está polarizado. O adversário se torna um inimigo e, como tal, deve ser exterminado.

O que o bolsonarismo alimenta, insisto, está muito distante da polarização e Chantal Mouffe nos ajuda a compreender esse processo. A democracia reconhece politicamente a diversidade e aceita a diferença. Recusa, portanto, a pregação de se eliminar quem pensa diferente.

Devido ao pouco apreço pelos valores democráticos, o bolsonarismo, como uma comunidade imaginada, criou também um inimigo imaginado: o petista, o comunista, o militante de esquerda. Todos esses devem ser atacados como antagônicos, ou seja, como inimigos, como ensinou Bolsonaro em 2018 ao propor em comício “fuzilar a petralhada”²⁵, demonstrando uma admirável coerência com o autoritarismo ditatorial e belicista que já expressava, quando ainda

²⁵Disponível em <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>
Acesso em 02 jan.2024.

deputado, em entrevista para o programa Câmera aberta da TV Bandeirantes em 24.05.1999, em que defendeu o fechamento do Congresso e a morte de "uns 30 mil, começando com FHC"²⁶.

Insiste Mouffe (2007, p.36) que a polarização, ou seja, a confrontação agonística, é condição de existência da democracia. Propor o estado mínimo para deixar o mercado agir livremente ou defender a presença do estado para equilibrar a correlação de forças econômicas é um debate histórico nas democracias. Esse debate acontece a partir de pensamentos polarizados, agonísticos e conflitados em relação às propostas do papel do estado nas sociedades civilizadas.

Não é isso que aconteceu com o surgimento do bolsonarismo. O bolsonarismo e seus opositores não são os dois polos de uma reta e sim retas que nunca se encontrarão. Não ocupam, insisto, posições agonísticas e sim antagonísticas. Não são alternativas democráticas e sim um projeto de defesa da democracia diante de outro projeto que promove o fim da democracia. Não são os dois lados da mesma moeda. São moedas diferentes lastreadas em projetos existenciais e políticos incompatíveis! Bolsonaro liquidou com a política, que é a arte de confrontar ideias e elaborar acordos, substituindo-a pela guerra, que tem por objetivo eliminar o adversário, visto como inimigo.

Considerações finais

Para que as pessoas sejam afetadas e as paixões mobilizadas para fins democráticos, reforça Mouffe, o embate político deve se dar por meio de partidos políticos organizados. A autora discorda da afirmação de cientistas políticos, repetida também no Brasil por jornalistas acomodados na aliança ultradireitista brasileira, de que perdeu sentido a distinção esquerda e direita para caracterizar o espectro atual das posições ideológicas na democracia (Mouffe, 2007, p.14). Essa classificação, com suas nuances que vão dos extremismos até o centro, continua sendo pertinente para orientar nossa compreensão sobre as forças políticas e suas alianças em um ambiente democrático.

Mouffe alerta os partidos de esquerda dos riscos de perderem espaço representativo e poder, especialmente em momentos de crise econômica e política, quando demandas populares legítimas não são levadas em conta pelos governos, e os partidos, da situação e da oposição, não apresentam soluções ou, quando o fazem, não explicitam com clareza seus projetos tampouco as

²⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qIDyw9QKlvw> (em 31m13s). Acesso em 19.jan.2024.

diferenças de suas propostas (Mouffe, 2007, p.78). Nessas circunstâncias, as pessoas são facilmente atraídas e afetadas por aventureiros que se apresentam como salvadores que irão “mudar tudo isso que tá aí, tá ok?”, bordão de Bolsonaro na campanha de 2018 e não muito diferente das pregações de Javier Milei eleito em 2023 para a presidência da Argentina e de Trump nos EUA.

Como discutido em seção anterior deste artigo sobre a epistemologia do bolsonarismo, é mais fácil atingir o eleitorado criticando o aborto do que defendendo a tributação dos fundos exclusivos. É mais cômodo defender o armamentismo do que explicar o conceito de mais-valia. É mais mobilizador aventar que o governo quer construir banheiro unissex nas escolas do que estudar o relatório da Oxfam sobre concentração de renda no mundo e no Brasil²⁷, com dados que mostram que quatro dos cinco bilionários brasileiros mais ricos aumentaram em 51% sua riqueza desde 2020, ao mesmo tempo em que 129 milhões de brasileiros ficaram mais pobres. É mais atraente considerar um motorista de aplicativo ou um entregador de pizza como um empreendedor, microempresário de si mesmo, do que denunciar a precarização das condições do trabalhador, facilitada pelas mudanças na legislação trabalhista levada a cabo no governo Temer de 2016 a 2018.

O bolsonarismo, ainda que tenha se esparramado pelo Brasil e esteja atuante em sua sanha desestabilizadora, não conseguiu, porém, seu intento, que era continuar no governo pelas eleições ou por um golpe civil-militar. Esta última opção se mostrou inviável por não contar com apoio internacional, tampouco com sustentação política interna e, principalmente, pela incompetência, desqualificação cognitiva e dificuldade de articulação dos idealizadores, líderes, financiadores e apoiadores do golpe.

O Congresso Nacional realizou uma CPMI sobre os atos de 8 de janeiro de 2023, cujo relatório final pediu o indiciamento de 61 pessoas, entre elas Bolsonaro, cinco ex-ministros e ex-comandantes das Forças Armadas. A aceitação dos indiciamentos e instauração de inquéritos estão agora nas mãos e responsabilidade da Justiça, etapas submetidas à temporalidade dos processos judiciais. Mesmo após essa CPMI e com processos em andamento no STF que já resultaram na prisão de invasores das sedes dos Três Poderes, Bolsonaro afirmou, em 06 de

²⁷ Disponível em <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/desigualdade-s-a/> Acesso em 22 jan.2024.

janeiro de 2024, em entrevista à CNN, que a intentona não foi uma tentativa de golpe de Estado, mas “uma armadilha por parte da esquerda”²⁸.

É necessário, portanto, ficar alerta pois o inspirador do bolsonarismo continua afetando seus seguidores com discursos fantasiosos. Também continuam intactas as estruturas militares, policiais, políticas, econômicas e empresariais que participaram do planejamento e financiamento da tentativa de tomada do poder à força, e que culminou com a invasão das sedes dos Três Poderes em Brasília.

A aliança reacionária que se articulou como ultradireita no Congresso continua organizada e atuante, questionando pontos fundamentais da Constituição Federal. Ainda que a Carta Magna tenha sido promulgada em 1988, muitas conquistas do Estado Democrático de Direito encontram dificuldade para se manter e outros tantas ainda não conseguiram sair das páginas do Título II – Dos Direitos e Garantias Fundamentais, onde permanecem apenas na forma de artigos bem intencionados. (BRASIL, 2016, p. 9 a 14)

Na estratégia discursiva do bolsonarismo desde a campanha de 2018 e seguida por parlamentares bolsonaristas no atual Congresso, temas do cotidiano são tratados de forma superficial e rasteira com discursos proselitistas que afetam as pessoas, mobilizam suas paixões e as seduzem, alimentando a ilusão de que as coisas poderiam ser diferentes e melhores sob um governo de ultradireita (Mouffe, 2007, p.78).

O bolsonarismo não depende mais de seu ídolo e importante divulgador para continuar existindo, pois está entranhado em todas as classes sociais, fazendo eco a um fenômeno de retrocesso político, institucional e espiritual que se vê também em outros países. É importante e necessário manter o bolsonarismo dentro dos limites civilizatórios, com a utilização de mecanismos republicanos e salvaguardas legais, e evitar, pelos meios democráticos, que retorne ao governo. Nessa conjuntura, desafiadora, a universidade brasileira tem um importante papel.

A universidade, historicamente, se constituiu como um espaço de acolhimento de direcionamentos ideológicos plurais. Graças a essa diversidade polifônica, professores, alunos e pesquisadores, dedicados aos mais diversos temas, propõem questionamentos inusitados e pertinentes, produzem reflexões densas e necessárias, e estimulam os desenvolvimentos de conteúdos teóricos e reflexivos. Esse conhecimento é produzido e compartilhado na universidade

²⁸ Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/bolsonaro-diz-que-8-1-nao-foi-golpe-mas-armadilha-da-esquerda> Acesso em 08 jan.2024.

nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, espaços para formação da consciência crítica e do espírito questionador. As iniciativas de extensão, porém, não podem se limitar a abrir as portas da universidade para a comunidade. É preciso também ir até a comunidade.

A ferramenta de trabalho dos professores e dos pesquisadores é a palavra lida, falada, escrita, publicada, multiplicada, debatida, seja na sala de aula, nos ambientes virtuais de aprendizagem ou em qualquer outro espaço de interação além dos muros da universidade. Ouvir os alunos e a comunidade, estimular o diálogo crítico sobre os desafios da contemporaneidade e promover o pensamento questionador é uma responsabilidade intelectual, uma forma de luta e uma possibilidade de afetar as pessoas.

É importante reconhecer que existem várias iniciativas de debate e ação política consequentes disseminadas pela sociedade, além da sombra dos espaços de pesquisa da universidade, onde me situo circunstancialmente. Não basta, porém, apenas o reconhecimento da importância das diversas formas de luta política. Todas devem pretender ocupar o espaço institucionalizado de poder por meio dos mecanismos democráticos constitucionais, organizando-se em partidos políticos como fazem os evangélicos da chamada “bancada da bíblia”, os fazendeiros da “bancada do boi”, os belicistas da “bancada da bala”, os representantes do grande capital e os oportunistas do Centrão.

Ocupar o legislativo, especialmente para os grupamentos e coletivos populares que não dispõem de recursos econômicos, mas têm legitimidade e organização, é o caminho para viabilizar as transformações que a sociedade demanda e garantir as conquistas democráticas²⁹.

²⁹ Para a esquerda brasileira, especialmente, democracia é um objetivo estratégico, pois com a democracia é possível conquistar e manter direitos sociais. Para a direita tradicional brasileira, democracia é um objetivo tático, ou seja, é um meio de conquistar e manter o poder e será abandonada quando colocar em risco seus interesses econômicos.

Pesquisa feita pela Quaest Consultoria e Pesquisa, em dezembro de 2023, apontou que 32% da população acredita que houve fraude eleitoral na eleição de 2022³⁰. As ideias defendidas pelos bolsonaristas têm uma legitimidade emocional profunda não passível de questionamento argumentativo ou confrontação com a realidade. Seus posicionamentos, portanto, não são susceptíveis de alteração ou mudança diante de fatos e dados. A base de sustentação do bolsonarismo não muda suas opiniões, tampouco suas decisões políticas³¹.

Isso mostra o poder do afeto e nos remete a Spinoza quando demonstra que a razão jamais vencerá uma paixão, pois “um afeto não pode ser refreado nem anulado se não por um afeto contrário e mais forte do que o afeto a ser refreado” (Spinoza, 2009, p.164).

Peter Sloterdijk, filósofo alemão contemporâneo, em sua trilogia sobre as Esferas (I Bolhas, II Globos, III Espumas), discute as formas de socialização através dos tempos, utilizando a metáfora da esfera, para propor que, depois que deixamos o conforto do útero materno, continuamos demandando afeto, reconhecimento e proteção. Para tanto, a humanidade vem criando, historicamente, rotundidades imunizadoras “tentativas espácio-políticas de reconstituir, por meios imaginário-institucionais, fantásticos ventres maternos para as massas infantilizadas” (Sloterdijk, 2016, p.64).

A discussão das ideias de Sloterdijk não dispõe de espaço neste texto. Assumo essa sugestão de abordagem para um próximo artigo, pois, especialmente, o último volume de Esferas, em que trata de Espumas (2004), Sloterdijk traz intuições para o estudo sobre o futuro do bolsonarismo.

A espuma, versão contemporânea da esfera, é um aglomerado de bolhas efêmeras “permanentemente afligidas por sua inevitável instabilidade” compartilhando o risco inerente a tudo que é frágil. O autor explica que, sob pressão do crescimento das bolhas, a espuma pode se tornar uma estrutura mais complexa, porém, mais susceptível de implodir, pois os participantes dessa comunidade-espuma irão “em algum momento, abandonar o espaço no qual estiveram aliados a outros indivíduos” por não o reconhecerem mais como um espaço de imunização. (Sloterdijk, 2016, p.46). A Operação Tempus Veritatis da Polícia Federal³², de 08.02.2024, que

³⁰ Disponível em <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/pesquisa-um-terco-dos-brasileiros-cre-em-fraude-na-eleicao-de-2022> Acesso em 02 jan.2024.

³¹ Pesquisa divulgada em 09/02/2024 mostra empate técnico em uma virtual eleição entre Lula e Bolsonaro. Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/pesquisa-se-eleicao-fosse-hoje-lula-e-bolsonaro-empatariam-de-novo,aa29bfb9da8e3414663ff1de1c7d5044qe8b1rv.html> Acesso em 13 fev.2024.

³² Disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-militares-neto-de-figueiredo-e-ate-padre-os-alvos-da-operacao-tempus-veritas/>. Acesso em 13 fev.2024.

investiga organização criminosa que atuou na tentativa de golpe de Estado e abolição do Estado Democrático de Direito pode contribuir para o esvaziamento da sensação de imunização do bolsonarismo.

Concluo este artigo reconhecendo que as reflexões aqui apresentadas atendem uma ansiedade intelectual de compreensão do flagelo político que acometeu o País nos últimos anos sob o governo do combo político da ultradireita. Ficarei feliz se este ensaio ajudar, de alguma forma, a pensarmos estratégias e ações que impeçam de vivermos novamente a tragédia do bolsonarismo no governo. Poderemos, sim, ter outros pesadelos políticos, pois a ultradireita no Brasil continua articulada e atuante, mas, espero, estaremos mais preparados...

Informações complementares:

a) Declaração de contribuição das autoras e dos autores:

Por se tratar de autoria única, o autor declara ter redigido todas as seções deste artigo.

b) Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais:

Os dados públicos que apoiam as conclusões deste estudo – Morfologia do bolsonarismo: afeto e identidade na constituição de uma comunidade imaginada de ultradireita – estão todos disponíveis nos endereços e fontes referidos no artigo.

c) Declaração de conflito de interesse:

Declaro não haver conflito de interesse.

d) Avaliação por pares:

✓ **Avaliador 1:** Paulo Vitor de Souza Pinto (aceitar)

Após a leitura criteriosa do manuscrito, considerando as diretrizes da revista, considero indicar para publicação.

✓ **Avaliador 2:** Georges Bitti Chilela (correções obrigatórias)

Gostaria de parabenizar a autora/o autor pelo fôlego e enfrentamento do tema em questão. O artigo é pertinente para que fique registrado em nossa história essa comunidade imaginada, como defende o artigo, e estratégias para enfrentá-la. Mas, assim como as análises bem amplificadas e profundas, acredito serem necessárias algumas reflexões e modificações no texto.

Apesar dos diversos fatos dissertados, não ficou claro para mim o corpus (materialidade linguística) analisado no artigo. O autor/autora traz que “Utilizei como corpus deste estudo discursos do bolsonarismo e matérias jornalísticas disponíveis na internet”, porém essa materialidade, quanto trazida, está em roda pé, em poucas aspas e algumas sem fonte, até.

O caráter “ensaístico” sem uma materialidade bem definida, aproxima o texto de um editorial jornalístico e não de um artigo científico, mesmo que permeado pela defesa efusiva das ideias do autor/autora alicerçada por vários autores.

A conclusão está longa. Em vez que sintetizar o que foi dito anteriormente e trazer elementos para “fechar” o artigo, inclui muitos exemplos que poderiam ser inseridos em partes anteriores ou até mesmo eliminados por estarem exaustivamente dizendo “a mesma coisa” sob nova forma.

Referências

AMARAL, Augusto J; SILVEIRA, Felipe L. Bolsonarismo e o fascismo na Era Digital. In **Revista Brasileira de Estudos Políticos**. Belo Horizonte, n. 127, pp. 55-94 | jul./dez. 2023.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BATALHA, Luís. Emics/etics revisitado: “nativo” e “antropólogo” lutam pela última palavra. In **Etnográfica** [Online], vol. 2 (2), 1998. Disponível em DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.4446>. Acesso em 04 fev.2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Secretaria de Editoração e Publicações - Senado Federal, 2016.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. Tradução Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.

ESPOSITO, Roberto. **Categorías de lo impolítico**. Buenos Aires: Kata, 2005.

ESPOSITO, Roberto. **Termos da política**: comunidade, imunidade, biopolítica. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

ESPOSITO, Roberto. Dom e dever – Entrevista com Roberto Esposito. In **Caderno de Leituras** n.31. Edições Chão da Feira, 2014. Disponível em www.chaodafeira.com Acesso em 05 jan.2024.

FISHER, Max. **A máquina do caos**: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. Tradução Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2023.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras (1899). In **Primeiras publicações psicanalíticas – Volume III (1893-1899)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FREIXO, Adriano de; PINHEIRO-MACHADO, Rosana.; Introdução: Dias de um futuro (quase esquecido): um país em transe, a democracia em colapso. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana. ; FREIXO, Adriano. (orgs.). **Brasil em Transe: Bolsonarismo, Nova Direita e Desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 9-24.

LEITE, Cláudio Antônio Cardoso; FREIRE, Gerson Bento. O pseudo protestantismo como uma nova religião brasileira: uma análise histórica dos aspectos teológicos e sociológicos do neopentecostalismo. In **Revista Teoria & Sociedade**, nº 19.2 – julho-dezembro de 2011, p. 256 a

293. Revista dos Departamentos de Antropologia e Arqueologia, Ciência Política e Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1998.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da linguística à linguística aplicada indisciplinar. In PEREIRA, R.C.; ROCA, P (Orgs.). **Linguística aplicada um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11 a 24.

MOITA LOPES, L.P. (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

MUDDE, Cas. **La ultraderecha hoy**. Barcelona: Editorial Planeta S.A., 2021. Apple Books.

MOUFFE, Chantal. **En torno a lo político** - Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de izquierda**. Traducción de Soledad Laclau. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2018.

NOBRE, F., Mendes Pini, A. ., & Angeiras de Menezes, M. E. O neopentecostalismo no Brasil e a convergência com a ultradireita no populismo reacionário de Jair Bolsonaro. **Revista De Iniciação Científica Em Relações Internacionais**, 11(21), 1–16.

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/article/view/66917>

SANTOS, Nina; CHAGAS, Viktor; MARINHO, Juliana. De onde vem a informação que circula em grupos bolsonaristas no WhatsApp. In **Intexto**. Porto Alegre, UFRGS, n. 53, e-123603, 2022.

SIEBERT Silvana; PEREIRA, Israel Vieira. A pós-verdade como acontecimento discursivo. In **Linguagem em (Dis)curso**, Volume: 20, Número: 2, May-Aug 2020 - Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ld/a/vykt83t8h8874gJT7ys46sy>. Acesso em 18.jan.2024.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas III: espumas**. Traducción: Isidoro Reguera. ePubLibre. Edição do Kindle, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: bolhas**. Tradução José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SPINOZA, Benedictus. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. TODD, Emmanuel. **La défaite de l'occident**. Paris: Éditions Gallimard, 2024.

VASEL, Neusa M. **Bolsonaro no divã**: a erótica do poder, o desejo e a metástase do gozo nos entremeios das políticas públicas no Brasil. **Dissertação**. Mestrado em Gestão de Políticas

Públicas. UNIVALI, Itajaí, 2019. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1i26gYndrly2oBt_TqFrYIJBTaEfXdyLQ/view Acesso em 14 dez. 2023.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.